

Souto de Moura: um depoimento português

Relato da palestra de Eduardo Souto de Moura

O arquiteto português Eduardo Souto de Moura¹ percorreu uma série de seus projetos mais recentes contextualizando-os com questões do cenário contemporâneo internacional. Apresentou uma gama diversa de trabalhos – como pavilhões de grandes exposições, edifícios comerciais e residenciais, hotéis, teatros e crematórios – em que dialogou com a história da arquitetura clássica, moderna e vernacular ao mesmo tempo em que observou as configurações específicas dos locais e suas relações com o patrimônio histórico, suas paisagens do entorno e o percurso das pessoas. Para comentar esse panorama, considerou as dificuldades de exercer a arquitetura compreendendo-as à luz da palavra crise, que em chinês possui dois caracteres: um que significa projeto e outro que expressa mudança.



Instalação de Eduardo Souto de Moura na Royal Academy of Arts em Londres².

Entre as instalações apresentadas por Souto de Moura, destaca-se uma intervenção realizada por ele para a exposição *Sensing Spaces*, na Royal Academy of Arts em Londres, 2014. Como pode-se observar nas imagens, Souto de Moura, a partir da arquitetura clássica do local, reconstruiu dois arcos (que não têm um sentido decorativo, mas construtivo) que demarcam portas da instituição. Seus novos arcos de concreto foram instalados a 45 graus da porta original, reforçando o estilo do local e propondo

¹ Eduardo Souto de Moura é arquiteto português formado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto. Foi professor-assistente do curso de arquitetura na Universidade do Porto e professor convidado da Faculdade de Arquitetura de Paris-Belleville, nas Escolas de Arquitetura da Universidade de Harvard, e de Dublin, na Irlanda, bem como na ETH de Zurich e ainda na Escola de Arquitetura de Lausanne.

² Imagens disponíveis em < <http://hippystitch.blogspot.com.br/2014/04/sensing-spaces-architecture-reimagined.html>>.

uma relação transversal. Sua proposta funcionava como uma “porta da porta”, enfatizando-a no espaço. Durante a palestra, mostrou todo o processo de criação, incluindo esboços, os moldes, os testes de encaixe entre as peças, o transporte e a instalação da porta.

Souto de Moura relatou sua “aflição” ao pensar as janelas, elementos tradicionais que permaneceram ao longo da história. Seu incômodo reside no fato de que, por mais aproximações que se façam entre a altura e a largura desses elementos clássicos, nas produções mais atuais falta uma perspectiva de profundidade. Um dos projetos em que começou a resolver essa questão foi um bar em Barcelona, um espaço pequeno em uma cidade quente. Propôs uma estrutura pré-fabricada diagonal em que as janelas estão no meio funcionando ao negativo. O arquiteto também comentou o trabalho desenvolvido para a Bienal de Veneza 2012. Ali, desenvolveu uma instalação que experimentava os sistemas construtivos – muro e janela, horizontal e vertical –, construindo fachadas e janelas que emolduravam as vistas dos edifícios que estavam na outra margem do canal.



Imagem da esquerda: instalação na Bienal de Veneza. Foto de Nico Saieh³.



Imagem da direita: Restauração do Convento das Bernardas. Foto de Luis Ferreira Alves⁴.

Ainda sob a perspectiva da questão das janelas, outro exemplo citado foi a construção de um prédio de apartamentos a partir da reforma do Convento das Bernardas (Portugal), prédio do século XVI que passou por diversos usos e intervenções em sua construção ao longo dos séculos. Aqui considerou todas as aberturas já existentes na fachada externa para construir portas e janelas. Esse projeto também desperta discussões acerca das teorias tradicionais do patrimônio histórico, na medida em que o arquiteto propôs releituras que o observam como um sistema vívido e natural, negociando suas especificidades de restauração restritivas. Assim, reconstruiu elementos mantendo seus aspectos originais, mas reestruturando-os com suas estratégias contemporâneas de criação.

A discussão sobre os procedimentos que Souto de Moura desenvolve para lidar com as questões do patrimônio histórico transpassou a apresentação de diversos casos. Um deles foi um hotel em Lisboa,

³ Imagem disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/01-71672/bienal-de-veneza-2012-eduardo-souto-de-moura>>.

⁴ Imagem disponível em <<http://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura>>.

que possuía uma parte de ruínas em pedra, que estão classificadas como arquitetura de interesse público. Souto de Moura propôs uma estrutura de ferro (uma espécie de gaiola) que mantém as pedras e “arquiva o patrimônio”, afirmou rindo. Outro projeto foi realizado em Washington. Tratava-se da construção de um edifício localizado no cruzamento da avenida principal, Pennsylvanian Avenue, com o centro histórico, Georgetown, “cheio de restrições até para colocar um vaso na janela”, contou bem-humorado. Souto de Moura descreveu todo o processo de criação (relatou a discussão dos materiais e as diversas maquetes que fez para estudar os planos positivos e negativos), mostrando diversos ângulos da planta e da estrutura, as referências das construções antigas e suas leituras dos traços de Le Corbusier.

O arquiteto finalizou a palestra com uma de suas propostas mais audaciosas: uma central hidrelétrica da barragem de foz Tua (no Alto Douro, em Portugal). Trata-se de um trabalho coletivo que está desenvolvendo em colaboração com uma equipe de 20 pessoas de diversas áreas (incluindo paisagistas, geólogos e engenheiros), procedimento que materializa o que espera que seja o futuro da arquitetura. Nesse projeto, que englobou “controlar” a geografia – incluindo o remanejamento da montanha e do curso dos rios, a construção da plataforma, as adequações sugeridas pela Unesco devido a um parque na região etc –, Souto de Moura foi convidado para desenhar o edifício da central hidrelétrica. Com fotos ilustrativas, o arquiteto descreveu toda a proposta e seus aspectos infraestruturais internos e externos, lidando diretamente com questões ecológicas.

No debate, entre as suas respostas ao público, Souto de Moura refletiu sobre características da profissão. Lembrou que Álvaro Siza diz que vivemos numa época da especialização e, por outro lado, o arquiteto tem que criar relações profícuas com diversas outras áreas. Por legislação, os arquitetos não podem dirigir obras. Ao mesmo tempo, afirmou provocando risadas na plateia: para fora estão os paisagistas, para dentro estão os curadores. Arrematou com considerações sobre o quanto o tema da arquitetura é especial, mas é também complicado, na medida em que as regras de infraestrutura estão cada vez mais exigentes (por exemplo, as normas de isolamento das paredes que aumentam constantemente, ou locais em que as janelas que passarem de certa dimensão demandam compensar a necessidade energética com painéis fotovoltaicos).

Por fim, em uma resposta a Paulo Miyada (mediador do debate), Souto de Moura comparou os arquitetos com os artistas, afirmando que “estão todos no mesmo barco”: há artistas que fazem esculturas nas paredes e arquitetos que são convidados para fazerem instalações. Comentou um embate que tem com Siza, que afirma que arquitetura é arte. Para o palestrante, arquitetura pode vir a ser arte em alguns casos específicos, mas em geral não é arte, pois os arquitetos têm que responder a um problema de forma concreta.